

EDITORIAL

Royalties do petróleo: bom senso, educação e desenvolvimento

Uma grande celebração está ocorrendo nos meios políticos, e na opinião pública, por conta da distribuição dos royalties do petróleo entre estados e municípios. A presidente Dilma Rousseff após veto parcial ao projeto que fazia uma nova distribuição dos royalties dos contratos já firmados e que também negava a destinação do total dos recursos para a Educação.

Não há como deixar de louvar a posição certa da presidente Dilma Rousseff no que tange à destinação total dos novos royalties do pré-sal à Educação, evitando pulverizá-los entre estados e municípios, concentrando-os no resgate deste principal gargalo que afeta o desenvolvimento do Brasil (mesmo porque as quantias a receber não resolveriam os problemas de estados e municípios). Uma decisão lúcida e merecedora do aplauso de todos os que têm compromisso real com este País.

No entanto, Dilma não aceitou aplicar o mesmo critério às áreas já delimitadas e consolidadas historicamente dentro do antigo sistema de concessão. Não há como negar que isso significou uma derrota para estados e municípios desejosos de que essa parte também fosse regida pelo mesmo critério. Infelizmente, a questão envolve aspectos jurídicos dificilmente contornáveis, por conta do direito adquirido, e é certo que o Supremo Tribunal Federal (STF)

Resta aos governadores dos demais estados procurarem junto ao Governo Federal uma compensação financeira

derrotaria a iniciativa, a partir dos recursos dos atuais beneficiários. A pendência jurídica que se seguiria poderia adiar *sine die* decisões imperativas na área da produção do petróleo com implicações fortemente prejudiciais à economia, num momento muito perigoso e delicado, face a pressões desestabilizadoras decorrentes da crise financeira internacional.

Resta, pois, aos governadores dos demais estados agirem com bom senso e procurarem junto ao Governo Federal, pelo menos, uma compensação financeira capaz de aliviar a situação sufocante vivida por estados e municípios não beneficiados pelo antigo marco legal do petróleo. É um sacrifício duro, mas indispensável, quando está em risco o interesse estratégico do País como um todo, até que se possa articular um novo pacto federativo.

Comente nosso editorial:
opiniao@opovo.com.br

CHARGED O CLAYTON



Comente a charge:
charge@opovo.com.br

AO TRABALHO



ARTIGOS

Crianças armadas

Adísia Sá
adisiass@gmail.com



Jornalista

A notícia de que uma garota, aluna de escola pública, foi flagrada conduzindo um revólver deve ser motivo para uma reflexão por parte da família, em particular, e da sociedade, como um todo. Afinal, essa arma não foi encontrada na rua, num viaduto, mas na sua casa. O pai, ouvido, informou que o revólver estava sem munição e era guardado em lugar sigiloso. Mesmo assim, a filha o encontrou e levou para mostrar e amedrontar os colegas. Esse fato, convém frisar, não é o primeiro a chegar às páginas de jornais. O que está por trás disso? É isso que precisa ser apurado e imediatamente.

Outro acontecimento, esse mais trágico, foi noticiado: jovem matou uma amiga a tiros. Noutras palavras: mais arma comprada. Deus sabe

onde e das mãos de quem.

Não é segredo de ninguém, notadamente da Polícia, que armas são vendidas em bairros, quando de feiras livres. Mas ninguém sabe como são encaminhados esses fatos, ou seja, se a arma é apreendida, se o seu dono presta informações nas delegacias, etc., etc. E se a arma é comprada em lojas, quais as exigências para a concretização dessa negociação? O comprador preenche algum formulário? Qual o destino desse documento, ou seja, é levado para o setor policial? Esse tipo de comércio e acompanhamento por autoridades policiais?

Soube que armas chegam a Fortaleza como bagagem em ônibus e caminhões, fato que dificulta a fiscalização policial, considerando que nada pode ser vasculhado por terceiros, sem autorização dos proprietários. Ou a polícia tem sempre a mão instrumento legal que a autoriza a tal procedimento?

Seja qual for a forma como a arma é vendida e/ou comprada, o certo é que há pessoas armadas. É possível, sem cre-

dencial e competência para tal. E aqueles que têm autorização para ter armas em seu poder, foram devidamente treinadas?

Quanto ao caso objeto desse comentário, lamento o ocorrido: a angústia da direção da escola, seus professores, alunos, servidores.

Estou certa de que o momento certo para uma tomada de posição em relação a armas - principalmente revólvers, facilmente conduzidos. Também é o momento exato para um cuidado mais apurado da parte de adultos que têm armas em seu poder. Acredito que a intenção seja de proteção, segurança, mas no bojo desses sentimentos há o imprevisível, como o objeto desse comentário.

Talvez o caminho mais acertado seja uma relação atenta e de confiança no seio da família, onde o diálogo se faça presente e as dúvidas, esclarecidas, e o lar não se transforme em mero espaço de refeições/dormir/entrar/sair.

ESCREVA ÀS TERÇAS

Fala, cidadão

Letos psiquiátricos

Intermatias.com.br no portal www.opovo.com.br a matéria "Numerosa fila de espera para atendimento psiquiátrico"

A realidade é simples: redução de leitos hospitalares e ineficiência dos Caps. Irresponsavelmente a reforma psiquiátrica foi conduzida da mesma forma do Estatuto da Criança e do Adolescente, com resultados totalmente opostos à teoria.

Armando Santiago.

É uma pena que as pessoas não aprendam. A nossa segurança pública não nos permite mais ir à banco sacar nem pequenas quantias. Uma pena mesmo ver que as pessoas não se utilizam de outros meios para o pagamento de funcionários.

Natália Viana.

Torcida organizada no Castelo

Intermatias.com.br no Facebook do O POVO Online a matéria "Torcida organizada não tem mais lugar cativo no Castelo"

Antes de privatizá-los os melhores lugares do estádio para arriacções travestidas de torcedores. A medida é correta, privilegiando os bons torcedores.

Pedro Erico Taunaturgo.

Em Fortaleza não existe torcida organizada e são vândalos amontoados.

Heitor Rodrigues.

Luciano Huck processa humorista

Intermatias.com.br no Facebook do O POVO Online a matéria "Luciano Huck irá processar Rafinha Bastos após crítica"

Propriedade, ninguém é o dono da verdade.

Criativa, justa e solidária!

Mauro Oliveira
mauro.oliveira@foralnet.com.br



Ex-diretor geral do Cefet e PhD em informática

Dia de eleição. Motivando os alunos à extraordinária invenção greco-romana do voto secreto, eu perguntava se já haviam votado. Um deles me respondeu: "Votei professor, já perdi o meu valor!"

Tinha já ouvido esta "conversa fiada" do cidadão achar que "perdeu o valor" após votar, mas nunca numa escola! Seria, então, a escola um reflexo da sociedade, certo?

Está errado, de "cabo a rabo"! Uma escola que é reflexo da sociedade não serve para

ela, nem a ela. A escola deve ser crítica à sociedade, seu substrato ético. Ela pode até ser sua antítese, mas jamais seu reflexo!

A escola deve ser coerente, pois o aluno percebe e, pior, assimila quando seus mestres e gestores não praticam nos corredores ou que dizem na sala de aula. Mesmo que ser transformadora, no paladar do indispensável Paulo Freire, para tanto, a escola deve ser criativa, justa e solidária, como a invenção de Hugo Cabret (cinco Oscars).

Decidi convencer o aluno de que nas eleições daquela escola ele "não perderá o valor", como se costuma afirmar nos "toma-lá-dá-cá" eleitorais. Ao contrário, seu voto agregava-lhe valor ao torná-lo (e aos demais) "cúmplice" da futura gestão dos eleitos. E se uma escola pública assim não se comporta, se

ela não é criativa, justa e solidária, ela deve mudar de nome. Talvez "repartição pública" lhe caia melhor.

Dia 28, último, a comunidade do IFCE escolheu Virgílio Augusto como seu primeiro reitor eleito. Filho de Cesar Arapeir, primeiro diretor da antiga Escola Técnica, Virgílio foi diretor de administração em minha gestão no Cefet (selet, à época). Como reitor, sei que terá o mesmo compromisso com a educação cidadã. Como ex-aluno, continuará honrando a memória centenária deste instituto predestinado a ser uma universidade tecnológica... criativa, justa e solidária!

E nas próximas eleições quando perguntado se já votou, o aluno dirá: "Votei, já ganhei o meu valor!"

ESCREVA MENSALMENTE

O POVO

Publicação mensal de 100 mil exemplares
FOR DEMOCRATIZO BOMBA

Presidente e Editor: **Luiz Fernando**

Diretor-Geral de Circulação: **Alton Medeiros**

Diretora-Executiva da Redação: **Patrícia Araújo**

Diretor-Adjunto: **Edson Gontijo**

Gerente-Geral de Operações: **Edson Gontijo**

Gerente-Geral de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Gerente de Indústria: **Wagner Vilela**

Gerente de Publicidade: **Wagner Vilela**

Gerente de Atendimento: **Wagner Vilela**

Gerente de Circulação: **Wagner Vilela**

Gerente de Operações: **Wagner Vilela**

Gerente de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Gerente de Indústria: **Wagner Vilela**

Gerente de Publicidade: **Wagner Vilela**

Gerente de Atendimento: **Wagner Vilela**

Gerente de Circulação: **Wagner Vilela**

Gerente de Operações: **Wagner Vilela**

Gerente de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Gerente de Indústria: **Wagner Vilela**

Gerente de Publicidade: **Wagner Vilela**

Gerente de Atendimento: **Wagner Vilela**

Gerente de Circulação: **Wagner Vilela**

Gerente de Operações: **Wagner Vilela**

Gerente de Comercial: **Wagner Vilela**

OP

OPINION

GALERIA DE PRESIDENTES DO POVO

Presidente: **Luiz Fernando**

Diretor-Geral: **Alton Medeiros**

Diretor-Executivo: **Patrícia Araújo**

Diretor-Adjunto: **Edson Gontijo**

Gerente-Geral de Operações: **Edson Gontijo**

Gerente-Geral de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Gerente de Indústria: **Wagner Vilela**

Gerente de Publicidade: **Wagner Vilela**

Gerente de Atendimento: **Wagner Vilela**

Gerente de Circulação: **Wagner Vilela**

Gerente de Operações: **Wagner Vilela**

Gerente de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Gerente de Indústria: **Wagner Vilela**

Gerente de Publicidade: **Wagner Vilela**

Gerente de Atendimento: **Wagner Vilela**

Gerente de Circulação: **Wagner Vilela**

Gerente de Operações: **Wagner Vilela**

Gerente de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Gerente de Indústria: **Wagner Vilela**

Gerente de Publicidade: **Wagner Vilela**

Gerente de Atendimento: **Wagner Vilela**

Gerente de Circulação: **Wagner Vilela**

Gerente de Operações: **Wagner Vilela**

Gerente de Comercial: **Wagner Vilela**

Gerente de Pesquisa e Análise: **Wagner Vilela**

Cartas, búzios e tarô

Ricardo Eleutério Rocha
ricardor@foralnet.com.br



Economista e professor da Universidade de Fortaleza

A cada dez previsões realizadas pelos analistas econômicos, 11 estão equivocadas! Embora o ano do Copo do Mundo seja 2014, o ano do "Pib Fuleco" será 2012. O crescimento da economia brasileira recentemente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de apenas 0,6% no terceiro trimestre de 2012, o que é uma surpresa para o mercado e do governo. Isso implica revisão para baixo das estimativas de expansão

do Produto Interno Bruto (PIB): de 1,5% para 1% em 2012 e de 4% para 3% em 2013.

Mesmo com os estímulos monetários e fiscais - como a redução dos juros, a desoneração tributária além da expansão dos investimentos públicos e do crédito - e da desvalorização cambial de 26% nos últimos 23 meses, a reação da economia brasileira é pequena. Destaca-se a retração de 2% dos investimentos no terceiro trimestre, a quinta queda trimestral seguida.

Além dos fatores externos desfavoráveis, como a recessão europeia, a desaceleração da China e da Índia e a dificuldade de retomada americana, a desaceleração brasileira decorre em grande medida de problemas

de produtividade. O aparente paradoxo de baixo crescimento com redução do desemprego, que bateu 5,3% em outubro, traduz na realidade um problema de estagnação ou queda de produtividade econômica, o que é grave. Baixo desemprego conjugado com baixa produtividade é igual à inflação.

Cabe salientar que nem mesmo a flexibilização do tripé de política macroeconômica - câmbio flutuante, meta de inflação e superávit primário - foi capaz de evitar a semi-estagnação da economia brasileira sob o governo da economista e presidente Dilma Rousseff. Por fim, vale lembrar que de cada dez denúncias de corrupção feitas no País, 11 são verdadeiras!